

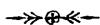
CRENÇA & LETRAS

REVISTA MENSAL

DIRECTOR

3.º Antonio Hermano

PROFESSOR DO COLLEGIO DE S. DÁMASO



SUMMARIO

O Paganismo	P.º Antonio Hermano
A Immaculada.....	P.º Henrique Gomes
A Philosophia Catholica.....	J. V. Pinto de Carvalho
N'um Jantar (poesia).....	Albano Bellino
Lagrimas (poesia).....	A. Moreira Bello
Impressões.....	P.º Antonio Hermano

As opiniões sustentadas nos artigos insertos na «Crença & Letras» são da responsabilidade de quem os assigna. Os originaes devem estar na redacção até ao dia 20 de cada mez.

Assignatura.—Anno 600 reis.—N.º avulso 100 reis.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
COLLEGIO DE S. DAMASO—GUIMARÃES

PREVENÇÃO

Todas as pessoas que acceitaram o primeiro numero da «Crença & Letras,» ficam sendo consideradas como assignantes.

JORNAL DO COLLEGIO DE S. DAMASO

O Collegial modelo

E' estudioso. E' essa a sua primeira qualidade. Nas aulas é quasi sempre contado entre os primeiros. Os professores estimam-no e os condiscipulos cercam-no d'uma tacita sympathia. Os paes que lá fóra, no campo largo da vida, lidam por elle, consagram-lhe os seus effectos mais fervorosos; amam-no porque veem n'elle, o joven estudioso,—a sua joia de melhor preço e a fructificação exuberante de seus sacrificios. Se lhe escassear o talento, nem por isso o vereis desanimar; sabe que muito pode quem muito quer; por isso estuda com tenacidade, multiplica esforços que não raro o elevam á plana alta dos talentosos.

Formosa iniciação na vida!

Como do trabalho, do estudo, brota a alegria, o collegial estudioso é jovial nos recreios. Salta, pula, ri, folga n'uma franca expansão doida, bella, phrenetica, de contentamento que lhe rompe em borbotões da alma descuidosa e lhe espalha abundante pelo corpo o rocio da saude e do vigor e pela alma a graça, a vivacidade a intelligencia.

E' bondoso. Aos professores respeita-os, estima-os, teme desgostal-os: aos companheiros trata-os como a irmãos, reparte com elles as suas alegrias, os seus pequeninos triumphos, as suas aspirações, e conta-lhes com graça e candura os seus futuros côr de rosa, tão lindos!

E' obediente, docil e piedoso. Recebe a direcção do educador com o sorriso nos labios, grato e reconhecido: se o castigam beija arrependido a mão que lhe apontou o dever. Nunca o vereis insurgir-se contra os regulamentos. Acata-os e respeita-os porque a consciencia em nome da religião, em nome da honra, em nome da ordem e em nome da justiça, lhe diz imperiosamente:—obedece. E' lei. E elle, o collegial exemplar, sabe que está no collegio a preparar-se para ser homem, amanhã, no seio d'uma sociedade numerosa, em meio d'uma rede meuda de deveres que urge cumprir; por isso quer principiar desde ali, desde os bancos da escola, a ser obediente e honrado. A honra! que bem-dita coisa é a honra! bem-dita como as coisas sagradas e mais valiosa que as pedrarias luzentes!

Cultivae-a com muito amor!

A. II.

*

Todos vós tendes necessariamente superiores; então lembrai-vos de que obedecer é dever de cada um porque a lei é a vontade de todos.

Lição util

Meus caros companheiros:

Tenho notado na convivencia de todos os dias, que muitos de vós não põem o menor escrupulo em estropear a linguagem muito barbaramente; por isso relevai-me que lavre aqui um protesto bem claro e vos dê umas liçõesitas. Forte imbecilidade é,

JORNAL DO COLLEGIO DE S. DÁMASO

meus rapazes, ter uma lingua tão rica tão euphonica, tão bella e estar a deforma-la e a cobri-la de remendos mal serzidos. Demais, bem sabeis, que falar sem correcção grammatical, sem a accentuação propria, sem a pronuncia bem distincta, é uma prova evidente de baixa educação.

Alem d'isso, a lingua é um dos primeiros elementos da independencia nacional: o que parvoamente a despresas dá mostras de não ter verdadeiro amor da patria

Basta d'exordio. Agora a

1.^a LIÇÃO

E' erro dizer:— *Cumprir com os seus deveres*. Deve-se dizer:— Cumprir os seus deveres. Este verbo pede complemento directo.

E' erro dizer:— *advinhar* por adivinhar.

E' erro dizer:— *Emquanto a isto emquanto aquillo*. Deveis dizer:— quanto a isto, quanto aquillo. Emquanto é ad. de tempo.

E' erro dizer:— *Isto ou aquillo foi acceite*. O adjectivo é *acceito* ou *acceita* e não *acceite*.

E' erro dizer:— *muito a miudo*. Dizei antes: muito a miude.

Não confundaes *despercebido* com *aperceber-se*. O primeiro vem de *perceber* e o segundo vem de *aperceber-se*.

Por hoje fecho aqui a lição.

Oxalá que vos mostreis bons discipulos.

..

O vosso companheiro e amigo,

O. L.

*

Acostumai-vos a falar com acerto a lingua materna, e a communicardes entre vós as idéas e affectos em linguagem pura e perceptivel. O que mais devéras distingue e extrema os povos é a differença do falar.

*

Boletim da Associação de S. Luiz

Socios benemeritos—Até agora foram proclamados socios benemeritos os seguintes associados: rev.^{os} P.^{es} Domingos Dias de Faria, Firmino Bravo, Antonio Harmano, Hermano Amandio, Firmino Freitas, Henrique Gomes, Joaquim Machado e os alumnos Augusto Vasconcellos, Antonio Francisco da Silva Reis Junior. Francisco Barboza, Raul Fonseca, Joaquim Hermano e Antonio Guimarães.

Alem d'estes, bastantes outros têm concorrido a auxiliar a meza com esmolas voluntarias mais ou menos avultadas. Pelo que aquelles e estes se nos affiguram merecedores de todo o louvor.

Imagem de S. Luiz—A meza vendo-se tão generosa e liberalmente ajudada, encarregou o notavel escultor portuense, o snr. Pereira d'Abreu, da rua da Fabrica, de proceder á esculptura da imagem. Deve ficar concluida por todo o mez d'abril.

JORNAL DO COLLEGIO DE S. DÁMASO

Assembleia geral—No domingo, 26 do corrente, houve sessão ordinaria. N'ella foi apresentado o parecer da commissão encarregada da alteração do artigo IV dos estatutos de que fallei no jornal do numero antecedente. A falta d'espaco não nos permite dar noticia desenvolvida d'esta assembleia, o que faremos no proximo boletim.

Um socio.

*

Vivei unidos: a união é a unica força dos pequenos e dos fracos.

O Collegio

Têm-se matriculado ultimamente mais alguns alumnos.

E' para sentir que o edificio não tenha proporções para muitos mais. A frequencia actual é de 130 alumnos, dos quaes 123 são internos.

*

No dia 19 do corrente, em honra do Jubileu Episcopal de Leão XIII cantou-se na egreja do collegio um solemne *Te-Deum* sob a direcção do illustrado professor, o snr. Martinó. A' noite illuminou-se a fechada do templo e toda a frontaria do edificio.

*

Por occasião das sessões mensaes da Associação de S. Luiz, haverá umas utilissimas academias literarias em que falarão alumnos previamente inscriptos. Ha n'esses pequenos certames, intuitos verdadeiramente educativos. O alumno que falar terá de fazer um exercicio tão complexo, tão pratico, que não poderá dizer que perdeu o tempo: aprende a declamar em publico, a regir e a interessar-se por um assumpto.

Ao illustrado professor rev. Henrique Gomes a cuja iniciativa se deve tão util projecto damos sinceros parabens.

*

Em harmonia com as prescripções do regulamento, as feiras da Paschoa principiam no dia 21 de março, quarta-feira de trevas, e terminam no dia 10 de abril, segunda-feira de Pascoela. A Direcção não se cansa de recomendar ás ex.^{ma} familias a mais rigorosa pontualidade nas entradas e sahidas. A saída de qualquer alumno antes do dia marcado é uma perturbação grave na disciplina do collegio

*

A patria é a nação a quem deveis amar, honrar, servir e defender com todas as potencias de vossa alma, com todas as forças dos vossos braços, com todo o amor e fogo do coração.

O PAGANISMO

Que era o mundo antes do suspirado advento de Christo?

Quaes os pharoés levantados na via triumphal da civilisação pelos oraculos da philosophia e da sciencia?

Que ideaes generosos realison o paganismo? que principios immortaes inscreveu nos seus foraes?

Sobre que bases nobres, dignas e firmes constituiu a familia?

Qual a cotação social da mulher, dos filhos e dos escravos em face dos dictames d'essa philosophia ominosa?

Quaes as garantidas individuaes contra o direito brutal do mais forte?

Como se comprehendia então a liberdade a caridade e a fraternidade?

*

* *

A philosophia pegã deixou no seu evolver padrões velados de crépe a par de raras clareiras de formosa luz: muitas vezes se eclipsou o pensamento antigo por detraz dos bulcões negros do erro e do vicio.

Socrates, Platão e Aristoteles—a trilogia egregia que viçou na Hellade—apesar do esplendor do seu genio, não logrou remontar-se tão alto, tão alto, que pairasse n'um lago de luz, por cima das nuvens todas.

A liberdade a cujo sopro calorificante se lhes haviam desdobrado amplamente as azas niveas do genio, não viu na elles, os ingratos, cortando assim d'uma vez, a base angular da moral. Não reconheceram no escravo um irmão; ligaram-no fortemente, ferreamente, á atafona do trabalho e, crucificando os principios mais elementares do direito natural, gritataram-lhe stentoricamente— anda vil animal, submete-te

ao jugo com a docilidade mansa do boi, senão... vês o azarrogue, a grilheta, a enxovia, a cruz... ?

E Platão que na trajectory do pensamento mais alto subiu, foi também o que na craveira da moral mais abaixo desceu. O communismo das mulheres apostolisou-o elle—o divino—como uma necessidade social!

Em Roma, porque as aguias imperiaes fitavam antes de tudo os povos em que meditavam cravar as potentes garras, porque aquelle povo audaz, na guerra nascera e n'ella se creara, a philosophia,—planta que não viça entre armas e clarins—não adquiriu esplendor parecido ao que na Grecia tivera.

O proprio Cícero, o engenho primaz de bellicosa nação, copiou e augmentou muitos laivos do idealismo Platonico-Lucrecio em quem também não é licito deixar de reconhecer a flamma quente do talento, levantou ao materialismo uma columna triumphal emmoldurando nos versos magnificos do poema «*De natura rerum*» muitos erros grosseiros quanto á origem e natureza do homem e do mundo.

O Epicurismo, cujos proselitos Vergilio espirituosamente apodou de --manada— e que o lirico de Venusa photographou em muitas das suas odes primorosas, logrou plantar n'aquelle vasto arraial assente á margem do Tibre, o labaro enganoso do prazer sensorio. Foi uma escola maldita: minou na sombra o maior dos imperios: enervou as energias leoninas do povo-rei!

O Stoicismo levantou-se também em Roma, como a encarnação d'um ideal novo, como um grito de santo protesto contra o rebaixamento epicurista. Todavia o seu pendão não se mostrou tão puro, que o não maculassem erros da peor especie. Perante tal philosophia o orgulho era quasi uma deidade, a immortalidade um phantasma, o suicidio um acto sublime, heroico.

*

* *

A colheita foi safara porque a semente foi má. As escolas não aperfeiçoaram os costumes, nem melhoraram a le-

gislação ; não erradicaram vícios, não ampararam virtudes ; por isso extinguiram-se por entre as vaías do desprezo, sem acção, sem vida. E' a sorte dos inuteis. E' o castigo do parasitismo.

Não tinham proselytismos largos porque não geravam convicções profundas, que são a alma-mater dos grandes sacrificios. Ao povo, á multidão anonyma, presa á mó do sofrimento como Prometeu á rocha maldita, arredavam-no com aristocratico desdem ; aos grandes, aos de cima, lambiam-lhes as sandalias como cães.

Triste e vã philosophia essa que não soube nem pôde lançar no activo da humanidade nem uma idéa que ficasse, nem uma verdade que a grande alma do povo assimilasse, nem uma virtude a cujo calor o coração se desenvolvesse prolificamente e que o volante do tempo não submergisse na barathro d'um ominoso esquecimento.

P.^o Antonio Hermano.

A IMMACULADA

*Ao meu amigo
P.^o Lemos.*

Rasgou-se o veu de pureza que como gaze alvissimo envolvia o coração de nossos paes.

Caiu em derrocada o pedestal encimado pela estatua da felicidade.

Cerraram-se as aureas portas do Eden.

O anjo, emissario da Justiça divina, exulou o homem das ridencias d'um jardim para as agruras d'um deserto. Desembainhada a espada que chammejava poder, apontando o vestibulo, bradou-lhe :

«Eras grande, eras pouco menos que nós outros, mas fizeste-te pequeno. Tinhas na fronte uma aureola, mas empanastel-a.

Tinhas umas azas, azas muito brancas que, rasgando o azul do firmamento, te levavam ao seio de Deus, mas caíram-te e ficaste a rastejar pela terra.

Ouvias aqui os trinados suavíssimos que as nossas harpas desferem, ouvias aqui as melopéas divinas que só nós sabemos cantar, e agora vaes tu psalmodiar a lugubre toada da dôr, e agora vaes tu dedilhar na harpa plangente do infortunio toda a gamma do soffrimento.

Não quizeste as rosas que te embalsamavam o ambiente, e terás espinhos que te hão-de esfarrapar o coração.

Não quizeste aquelles sorrisos que sempre te brincavam nos labios da côr das auroras sem nuvens, e terás lagrimas que te rescaldarão as faces desbotadas.

Era superiormente bello o teu viver neste oceano a trasbordar de delicias, neste mar immenso de gosos, sempre em maré cheia, mas as delicias transformar-se-hão em pezares e os gosos em tristezas.

Peccaste? Vae e trilha as escabrosidades da vida e arrasta os andrajos da miséria e enterra no coração os abrolhos da desgraça.

Peccaste? Vae e labuta e sua e treme por ti, receia por teus filhos e chora o passado, lamenta o presente, teme o futuro.

Peccaste? Pois bem; um lafeu indelevel te ferreteará a fronte, um remorso atassalhador te golpeará a alma e des-sangrará o coração. Peccaste? Pois bem; és o proto-perante da humanidade e condemnaste teus filhos. Bebeste a cicuta do peccado que gangrena e essa gangrena irá correndo de geração em geração, atravez de todos os tempos.»

Somos solidarios com o peccado dos nossos proto-parentes.

A nossa alma ao contemplar pela vez primeira o anilado do ceu, desentoldado e limpido, já traz em si negrume que a embrusca—o peccado original.

Branca, branca, alvissima, varrida de toda a nublação não aporta ella as paragens do mundo.

Dizei-me—Não é bella a abobada do firmamento, em noite de primavera, a lua desenrolando o seu manto de prata, as estrellas fulgindo vivazes, a aragem rumorejando branda, o rouxinol descantando alem, no arvoredado, lá ao fim da alameda?

Como não seria bello tambem o ceu da nossa alma sem aquella nuvem tam negra, tam electrisada de dôres, recamado só de virtudes, esplendendo brillantissimas!

Mas não; essa belleza immaculada, essa candidez sem laivos escurentadores, não é patrimonio de nós os mortaes, Foi; mas dissipou-se, esvaiu se como sonho magico.

Antes da quêda nas regiões edenicás, o homem vivia numa athenosphera saturada de felicidade, bebia a largos haustos da taça dos prazeres que os anjos lhe ministravam.

Não havia o requeimar das lagrimas, o triturar dos desgostos, este pisar os cardos que erriçam a estrada da vida, este marchar por entre os colmilhos de doenças prostradoras, este cair aqui, alem em tremedades que salpicam a alma com a lama do crime, não havia a algidez dos sepulchros nem as lugubridades da morte.

Havia, sim, o calcar alfombras de rosas aromatisadoras, o deslizar da vida, sereno, pacifico em mansidão superiormente, divinalmente creada.

Mas com a queda extinguiu-se para logo todo esse seductor viver paradisiaco, cerraram-se para o homem todas as portas do Eden. O peccado contaminou-nos a todos. Perdão, ó Virgem! Tu a arca santa, a torre de oiro a porta do ceu, Tu a mãe de Jesus, Jesus que era Deus. Deus que te escolhera *novum erat abyssi*, Tu a laboriosissima cooperatora na grandiosa obra de Redempção, Tu não podias ser polluida pelo leben do peccado.

Tu, ó Virgem, vinhas calcar, esmagar a serpente, abater-lhe os emproamentos do collo, e ella não devia, não podia manchar-te com baba a fimbria do manto, não devia, não podia inocular-te no coração o veneno que ejacula.

A Virgem é a immaculada, a concebida sem peccado.

Como o lyrio dos convalles que só tocam as camarinhas do orvalho, ella mais delicada, mais mimosa que elle, só é orvalhada pelos rocios da graça.

E' pura, purissima, como obra-prima saida das mãos de Deus.

O Senhor omnipotente deu-lhe os traços mais seductores, ornamentou-a com as bellezas mais captivantes.

Queria-a para encerrar no seio o Filho do seu amor, e primou na confecção d'aquella obra maravilhosissima.

Havia de permittir que o Immaculado fosse gerado no maculado? que á culminação da belleza servisse de recipiente um vaso amassado na imperfeição?

Jesus, o divino, Jesus o Deus—homem, de olhares suavissimos, de palavras dulcissimas, precisava de mãe expurgada de toda a mancha, mãe d'uma candidez celestial.

E Maria foi, devia ser o que foi—immaculada.

Sublime prerogativa! Só em pensal-a ha gostosos estretecimentos na alma!

Quem ao sabel-a em Maria não se sente impellido, arrastado para ella?

Quem ao vêr diadema tam rutilante na fronte de Maria não bradará como o Archânjo — *Ave gratia plena*? Quem se negará a tributar-lhe o amor mais acendrado? Eu não sei de devoção mais sympathica, que prenda com mais irresistibilidade, porque não sei de dom mais precioso, de graça mais singular.

Maria assim—immaculada na conceição, divinisa-se, remonta-se lá para muito alto, para as regiões angelicaes, dominando como rainha.

(Continúa)

Collegio de S. Dámaso

P.^e Henrique Gomes.

INFLUENCIA DO CATHOLICISMO

NAS

PRODUCCÕES DA INTELLIGENCIA

VIII

A Philosophia catholica

A philosophia catholica eleva o pensamento do homem até Deus. Sem ella debater-se-hia a nossa razão no seio das trevas, sem jámais conseguir elevar-se até esse brilhantissimo foco de luz d'onde irradiam todos os fulgores, que illuminam a intelligencia humana.

Creado á imagem e semilhança de Deus, tende naturalmente o homem a conhecer e amar Aquelle, que lhe deu o ser. Deseja conhecê-lo tanto quanto lh'o permitem seus fracos recursos intellectuaes, e emprega para esse fim todos os seus raciocínios.

Mas, consultando a philosophia pagã, nada encontra que o auxilie em seu trabalho de indagação, afóra alguns fracos lampejos, que brilharam em poucos entes privilegiados.

Tem pois imperiosa necessidade de recorrer á philosophia catholica, que unica o póde guiar em suas escabrosas indagações, e dar-lhe azas para elevar-se ás alturas, onde deseja penetrar. Só ella póde encaminhar com segurança até Deus, o enfermo e orgulhoso pensamento humano.

Guiado por ella, entra o homem com segurança no campo das suas pesquisas, a respeito das sublimes questões, que lhe agitam a mente.

*

* *

O sentimento intimo do homem diz-lhe que existe Deus.
A existencia de tantos entes imperfeitos, finitos e con-

tingentes não pôde conceber-se sem a existencia d'outro Se Supremo, perfeito, infinito, necessario, que lhes dêsse existencia, por que a razão recusa-se a admittir uma serie de effeitos sem causa.

Demais, a ordem que se observa entre os seres contingentes, suppõe necessariamente uma intelligencia infinita e suprema, que tudo regula e governa.

A propria structura do corpo humano, cujos membros estão tão sabiamente dispostos; as maravilhas que observamos em volta de nós: o sol; as estrellas e os astros suspensos no espaço, e movendo-se com uma regularidade inalteravel; a abobada celeste, delcitando nossa vista, com sua côr azulada, e as myriades de brilhantes saphiras, de que está recamada; a vegetação dos campos, as flôres dos prados, as arvores frondosas dos bosques, os fructos que todos os annos se reproduzem; os calores do estio, os frios do inverno e a atmospherã agradável e temperada da primavera; o mar com seu continuado marulhar invadindo as praias, e recuando logo a seus limites:—tudo isto nos indica a existencia d'um Ser Supremo, que deu o ser a tantas maravilhas e as governa e dirige, com sua sabia providencia.

E esse Ser diz-nos a philosophia catholica que é Deus, Supremo Auctor, Senhor e Regulador de tudo.

E diz-nos mais que é *eterno*; pois se a sua existencia fosse limitada, não seria perfeitissimo nem necessario.

Que é *simplirissimo*: porque a limitação, composição e imperfeição, sendo essenciaes á materia, repugnam com a natureza e perfeição do Ente necessario.

Que é *unico*: aliás haveria pluridade de causas primarias e por consequencia limitação de poder. E a ordem e harmonia que brilha em todo o systema do Universo, diz-nos claramente que tudo é obra d'um só principio intelligente.

Que é *independente e livre*; pois existindo por necessidade da sua natureza, nada ha que lhe seja superior ou possa dar-lhe leis.

Que é *immutavel*; por que, como ente perfeito, nada

póde perder nem adquirir essencialmente sem se destruir a si mesmo.

Que é *immenso*; porque a limitação do espaço repugna com a plenitude do ser; e o poder divino manifesta-se em todos os pontos do espaço.

Que é *Creador, Conservador e Regulador* do universo; por que o tirou do nada, prolonga-lhe a existencia e governa-o com suas leis.

Que é *omnipotente e intelligentissimo*; por que as suas obras não podem provir d'um ser de intelligencia e poder limitados.

Que é *soberanamente bom*; por que todos os beneficios que faz ao homem, são obra da sua bondade; e *soberanamente justo*, sem o que deixaria de ter todos os outros attributos e perfeições.

*

* *

Conhece o homem que existe em si um ser espirital, simples, distincto da materia, que pensa e raciocina.

Esse ser é a alma.

Mas será ella immortal ou deverá perecer com o corpo?

A philosophia catholica ensina-lhe que a alma, sendo simples, não póde ter o mesmo destino da materia, e acabar por dissolução de partes.

Não podem destruil-a os seres contingentes, por que no mundo nada se anniquila.

E' lei geral da natureza, e ninguem póde provar que haja excepção a respeito da alma.

Demais seria para isso necessaria uma força infinita, que não póde existir em seres contingentes.

Não póde tampouco destruil-a o Ente necessario, porque a isso se oppõe a sua *Sabedoria, Justiça, Veracidade e Bondade*.

Creou Deus a alma, para conhecer as perfeições divinas e tributar-lhes as devidas homenagens. Aniquilal-a pois

subsistindo estes fins, seria ir de encontro á eterna Sabedoria. A justiça de Deus consiste em premiar o virtuoso e castigar o delinquente; mas o homem, offendendo ou honrando a Deus, reveste estas acções d'uma malicia ou bondade infinitas, que devem ter castigo ou premio infinito.

E como isto não póde realisar-se n'esta vida, conclue-se que hade haver outra onde possa exercer-se a Justiça de Deus.

Falla Deus em diversos logares dos livros sanctos, da existencia da outra vida. Ora a palavra divina não erra. Oppõe-se pois tambem ao aniquilamento da alma, que deve gozar ou soffrer n'essa outra vida, a Veracidade de Deus.

Gravou o Creador no coração do homem, um desejo constante, uma aspiração permanente, á felicidade perfeita, que não póde gozar n'esta vida de tribulações e dores. Hade pois haver forçosamente outra vida, onde o homem, empregando os meios que Deus deixou á sua disposição, possa realisar esse anhelos ardente da sua natureza.

Se a alma fosse aniquilada, ficaria o homem privado de poder realisar seus desejos, e Deus deixaria de ser Bom, porque lhe negava a realisação das aspirações sublimes, com que lhe embalara a existencia.

Ensina-nos pois a philosophia catholica, que os attributos de Deus se oppõem ao aniquilamento da alma.

(Continúa.)

Reitor de Mancellas,

José Victorino Pinto de Carvalho.

N'UM JANTAR

FESTEJANDO A FORMATURA D'UM BACHAREL

Ao meu particular amigo o Ex.^{ma} Snr.
Dr. Joaquim José Gonçalves Teixeira de
Queiroz.

Lanigero Parnaso, estancia q'rida
Onde as Musas têm sua habitação !
Se ao teu vertice fosse permittida,
N'est'ora de prazer, minha ascensão,

Oh! em leito de flores margenado,
As aguas d'Aganippe deslizando,
Veria, lá n'esse edén decantado
Onde os vates se enlevam meditando.

E talvez que tambem merecer pudesse
Ao suspirado Nume da poesia,
A graça d'um sorriso em que viesse
O que hoje com ardor me appetecia.

.....

Não insisto, porem, que um tal desejo,
Por mim já vezes tantas revelado,
Não dá esperança d'encontrar ensejo
De ser uma só vez realiado.

Mas embora! Não cedo ao desalento!
Expressões na linguagem muda existem...
O que os labios proferem vae com o vento,
E os sentimentos cordeaes persistem.

Ao de Pallas filho amado,
Minha terna saudação,
Seja um complexo apertado,
Testimunho d'affeição.

Que um futuro sortidente,
D'encantos a translordar,
Deus lhe dê, e longamente
O possa bem disfructar.

Braga.

Albano Bellino.

LAGRIMAS

Mas d'alma ao rosto vae canal aberto
Que só entupem vícios, ou fingido
Orgulho do homem vão,

GARRETT-*Canções*.

Não consente adversa sorte
Que te siga, filho meu:
E eis-me triste como a morte;
Rasga a dor o seio meu!
Faltam-me os meus soes, os filhos:
Não tem confortos nem brilhos
Meu sombrio coração:
Sinto-o frio, tenebroso,
Como fica o ceo formoso
Com negro, espesso bulcão!

Os filhos! pedaços da alma,
Quem com enlevo os não vê?
E, sem do amor essa palma,
O casamento o que é?
E' jardim sem flores bellas,
Noite sem meigas estrellas,
Dia sem fulgido sol,
Musica sem harmonia,
Cithara sem melodia,
Floresta sem rouxinol!

Ai! filhinhos, se soubesseis
De um pae o amor o que val!
Se o vivo afão conhecesseis
Com que vos evita o mal!
Bebem o travo da vida,
Para que a prole querida
Só goste o mel, vossos paes!
Ah! tam santo amor não seja
Rio que os prados viceja,
Mas *desce* e não *sobe* mais!

Não: por vós retribuido
Tam fino amor ha-de ser;
Sempre, sempre ao pae querido
Nos seios da alma heis de ter!
Dedicação tributae-lhe,
Carinhosos suavisa-e-lhe
Da ardua vida o amargor;
A quem tanto vos concede,
Dae-lhe vós o que vos pede:
Rogae-lhe amor com amor!...

Oh ! sim, são da alma pedaços
Os filhos, dom do Senhor;
Mas se a fortuna dos braços
Nal-os arranca, que dor !
Væ soli! Agora conheço,
Que o mal da ausencia padeço,
Qual tortura é viver só:
Volve-se a vida em deserto,
Onde o pé tremente, incerto,
Só pisa abrolhos e pó!

Passa-se em trevas o dia,
Embora inundado em luz;
Mais funda melancolia
A escura noite produz!
Pois na ausencia dos queridos,
Não ha risos, ha gemidos,
Ha Penas, não ha prazer;
Tudo quanto nos rodeia
Nossas almas alanceia,
Faz-nos o pranto correr!

A' parca meza sentados,
Encontramos junto a nós
Logares desoccupados
Onde soava doce voz;
Alem, com magoado peito,
Olhamos vasio o leito
Que ente querido occupou,
Onde o velamos doente,
Ou dormindo docemente
Nosso amor o contemplou.

A sua banca de estudo
Abandonada eil-a alli;
Como que morto está tudo
Que vida exhalava aqui.
Quando o trabalho deixava,
N'este sitio se assentava
Meigamente a praticar:
Hoje, se n'elle o buscamos,
Cheios de angustia encontramos
Ermo o saudoso logar!

Os passos bem conhecidos
Cremos-lhe ás vezes sentir,
Ou da voz os sons queridos
Mui perto de nós ouvir:
Mas vem logo a realidade
Com ferina crueldade
Dissipar-nos illusões;
E com mais vivo tormento
Certeza do apartamento
Nos confrange os corações!

E em doloroso quebranto
 Nos olhamos, pae e mãe;
 E dos tristes olhos pranto
 Rebentando em fio vem!
 Correi, lagrimas ardentes,
 A nossos peitos dolentes,
 Breve embora, allivio dae!
 Que não é o pranto abjecto,
 Se filho de santo affecto,
 Mas dom do celesste pae!

A. Moreira Bello.

IMPRESSÕES

Leão XIII—a tregua religiosa—um conselho precioso—não existe o pro-anthropos!—a questão social—a queda d'um anjo—um bom diário--frades e colonias.

O Jubileu Episcopal de Leão XIII pôz em foco mais uma vez a prestigiosa força moral do Papado. Catholicos e não catholicos, á compita levantaram ao venerando prisioneiro do Vaticano o plintheo aureo da absoluta admiração universal. Raro se verá uma apotheseo tão singular e tão justa. A sua intelligencia com arrojados de aguia real, a sua comprehensão do actual momento historico, nitida e profunda, a sua obra social de valor tal que mal se calcula, as suas encyclicas, grandiosas como maravilhas, tudo isso que bastaria para encher um seculo, faz que a humanidade toda, sem discrepância d'uma voz, saúda longamente, freneticamente o incomparavel Pontifice.

*

Ha uma vintena d'annos apenas, fervia a luta religiosa e o inimigo forte e ousado varejava a Egreja desde os fundamentos até á grinta alta e bella. Muitos voltavam costas ao templo de Jesus, e, em romaria alegre, iam demandar outra religião—a sciencia; outra moral—a honra; outra Biblia—o romance. Depois de longos annos gastos a derruir o passado e a rir brutalmente de tudo o que sempre merecera respeito, a fabricar dogmas com a areia movediça das hypotheses e a transformar illusões meras em verdades intuitivas, voltam agora que a fallencia da honra e

da sciencia está aberta em toda a linha; principia a ouvir-se a voz chorosa do arrependimento; inicia-se o regresso ao templo.

E' o filho prodigo a caminho da casa paterna.

*

Escreve uma penna illustre:—

«Ao movimento religioso que parece querer affirmar-se em Portugal em união com a Santa Sé, apoiado no seguro esteio do nosso episcopado, é dever de todo o catholico saudá-lo com esperança e sustenta-lo com inteira firmeza de suas convicções e do seu patriotismo.»

Praza a Deus que todos ouçam o precioso conselho.

*

O homem terciario não apparece!

Longos annos de estudos porfiados a que não faltava mesmo o agulhão forte do odio sectario ao homem do Genesis, não tem logrado encher aquella lacuna maldita em que o transformismo atheu se sente baquear.

Ouçam, ouçam Virchou—o patriarcha, o sabio:—

«*Na questão do homem somos batidos em toda a linha. Todas as investigações compreendidas com o fim de descobrir a continuidade no desenvolvimento progressivo, foram infructíferas. Não existe pro-anthropos não existe homem-macaco. O elo intermedio continua a ser um Phantasma.*»

C'est épatant, Sr. Teixeira de Queiroz! O mestre é parvo!... pôr assim; d'um arremesso bruto, sobre a meza, á vista de profanos, as cartas todas...

*

Em uma conferencia realisada na Sociedade de Geographia de Pariz disse (e muito bem) o snr. Etienne Lamy:—«todo o homem que trabalha tem o direito de ganhar o que é preciso para viver, para ter familia, educá-la, sustentá-la e assegurar o pão para a velhice. Isto é possível?... E'—porque a terra é bastante vasta, bastante fertil, bastante productiva, e póde nutrir todos quantos a habitam.

Mas as coisas passam-se assim? Não—porque ha homens que trabalham e que não terão com que se sustentar na sua velhice, que não recebem um salario sufficiente para ter uma familia, e que até nem sempre chegam a ganhar só para elles. *Isto é uma grande injustiça social.* E' preciso remedial-a. Como?...—Por

meio de novas leis, pela creação de novos costumes e d'um novo estado d'espírito que assegure uma melhor divisão das riquezas. »

Esta formidanda questão social, a mais actual, de quantas ali se agitam, reserva para Leão xiii e para o catholicismo mais uma grande victoria. E' a Egreja que ha-de responder por completo á ultima pergunta de Lamy, porque só ella sabe remodelar, democratisar, sem conflagrar, sem convulsionar.

*

A queda d'um anjo, digo, de Lesseps, tem produzido no vasto mundo civilisado um sentimento novo, indefinido, complexo. Do espanto ao lado surge a compaixão; o tédio mistura-se com a sympathia.

Ver assim cahir lá de cima, de muito alto, do vertice mesmo da gloria, o *grande francez*, o Gladstone prestigioso da Republica, na vasa do brejo onde soem afundar-se os bandidos...

E' para meditar...

*

Com a appareição do «Correio Nacional» realisou-se uma aspiração antiga. Todos suspiravam por um diário que na capital fosse órgão da Egreja portugueza. Este preenche a lacuna. E' redigido com sciencia e consciencia. Prima na vernaculidade dos seus artigos, na segurança das suas ideias, na escolha criteriosa das suas noticias, na variedade das suas secções, sempre interessantes e opportunas, na impressão, que é nitida e elegante, mas sobretudo na respeitabilidade e prestigio do seu distinctissimo corpo de Redacção.

Longos, muito longos annos !

*

As nações amam as suas colonias como os paes amam os filhos, porque ellas são evidentemente a perpetuação da raça, usos, religião e lingua dos povos ; são retalhos preciosos da alma nacional. Por tudo isso, quando por mais não seja, urge conserval-as; para as conservar urge civilisal-as e mal se podem civilisar sem o concurso poderoso dos frades — a viva encarnação da obediencia e do sacrificio.—Queremos os frades para as nossas colonias — reliquias d'um passado grandioso e querido — mas frades portuguezes que não possam jámais esquecer-se de içar o pavilhão nacional ao lado da cruz redemptora.

P.^o Antonio Hermano.